

Guntolf van Kaick

Engenheiro agrônomo e ex-presidente da Ocepar

## O primeiro presidente

No dia 2 de abril de 1971, o então chefe do Departamento Técnico Agropecuário da cooperativa Cotia, Guntolf van Kaick, participava da histórica assembleia de fundação da Ocepar. Havia um acordo prévio em torno do nome de Benjamin Hammerschmidt, mas este não compareceu à reunião. “Fui eleito por consenso, o que foi uma surpresa para mim, pois não tinha qualquer ambição e pretensão de ser presidente, foi uma questão circunstancial”, lembra van Kaick, que aos 35 anos de idade assumiu a responsabilidade de conduzir a recém-nascida organização. Responsabilidade que reassumiria em outros três man-

datos: 1973/1975;1981/1983 e 1984/1986.

Filho de imigrantes alemães, paranaense nascido em Guaraqueçaba, van Kaick formou-se engenheiro agrônomo pela Universidade Federal do Paraná em 1959 - na mesma turma de Benjamin Hammerschmidt, que o sucederia na Presidência da Ocepar em 1976 - e passou a atuar na extensão rural, inicialmente na Acaresc (Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina). Em 1964, aceitou o convite para trabalhar na cooperativa Cotia, que à época tinha abrangência em vários estados. Anos depois, como representante da Cotia, participou da reestruturação do cooperativismo, nos projetos de integração e na fundação da nova entidade representativa do segmento.

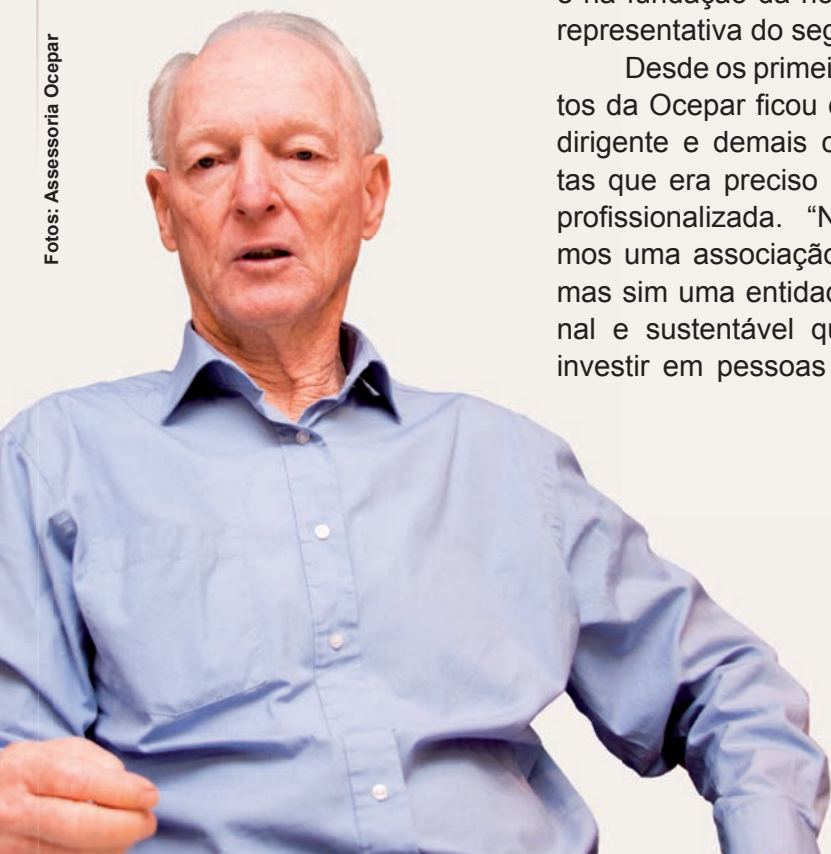
Desde os primeiros momentos da Ocepar ficou claro para o dirigente e demais cooperativistas que era preciso uma gestão profissionalizada. “Não queríamos uma associação de classe, mas sim uma entidade profissional e sustentável que pudesse investir em pessoas preparadas

para cumprir os trabalhos que seriam desenvolvidos”, relata.

Com um programa de ação à frente de seu tempo, a dificuldade para os primeiros dirigentes era a viabilidade econômica da Ocepar, fundamental para concretizar tantos projetos e sonhos. Como lembra van Kaick, faltavam recursos para sustentar uma estrutura, por mínima que fosse. A salvação veio da terra, de um cereal essencial à alimentação humana desde as mais antigas eras da civilização. “O trigo foi fundamental, pois deu o suporte financeiro às cooperativas e também à Ocepar”, enfatiza.

A política estatal priorizava as cooperativas no recebimento e armazenagem do cereal, e os fundos de pesquisa e de garantia contra granizo geraram recursos para a manutenção e expansão da estrutura da entidade. O investimento em pesquisa, inovador e estratégico, deu força política para o setor, que passou a participar de discussões governamentais sobre política agrícola. Estava preparada a base de sustentação para o crescimento do sistema cooperativista paranaense.

Aos 75 anos, quatro filhos e cinco netos, van Kaick segue trabalhando para a Ocepar, sempre disposto a repartir sua experiência e conhecimento com as novas gerações do cooperativismo. “Precisamos levar adiante a divulgação de nossos princípios e de nossa cultura”, conclui.



**Paraná Cooperativo** - Como iniciou sua trajetória no cooperativismo?

**Guntolf van Kaick** - Minha vida dentro do cooperativismo começou em 1964, quando fui convidado a trabalhar como agrônomo na Cooperativa Agrícola de Cotia, no interior de São Paulo. Mais tarde, já em Curitiba, assumi a chefia do Departamento Técnico da Cotia Sul do Paraná, e atuava também como assessor do presidente da Cotia Central, representando a cooperativa em eventos e reuniões com os órgãos públicos. No fim da década de 60 teve início o trabalho de reestruturação do cooperativismo do Paraná, mudanças incentivadas pelo Inda (Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário), Acarpa (Associação de Crédito e Assistência Rural do Paraná), CFP (Companhia de Financiamento da Produção), DAC (Departamento de Assistência ao Cooperativismo da Secretaria de Agricultura do Paraná), BNCC (Banco Nacional de Crédito Cooperativo), Ctrin (Comissão de Compra de Trigo Nacional), entre outras instituições. As cooperativas foram convidadas para fóruns e debates sobre a reestruturação. Representando a Cotia passei a participar dessas discussões, nas quais se deliberou que era preciso constituir uma entidade de representação do cooperativismo. Na época, as organizações representativas tinham atuação limitada e dirigidas a setores específicos como lácteos e erva-mate. O cooperativismo estava desarticulado.

**Paraná Cooperativo** - A reestruturação também pretendia organizar as cooperativas em áreas de ação que garantissem a viabilidade dos empreendimentos?

**Guntolf van Kaick** - Os órgãos que davam suporte a políticas públicas de desenvolvimento da agricultura buscavam transformar o cooperativismo, em atenção à nova lei cooperativista, que seria aprovada em 1971, num segmento forte e saudável e com o apoio do governo. Então se partiu para um projeto piloto de integração, que atingia as regiões Oeste e Sudoeste do Paraná: o Projeto Iguazu de Cooperativismo (PIC). Foram elaborados procedimentos para serem aplicados a essas regiões, com

o intuito de fazer uma inovação total e um saneamento da estrutura cooperativista, para que as cooperativas fossem responsáveis pela organização dos produtores e da produção no lugar de sua jurisdição. Foi estabelecido um acordo de cavalheiros, no qual uma cooperativa seria responsável por um município e, no máximo, por municípios circunvizinhos, ou seja, delimitou-se a área de ação e de responsabilidade. Antes não havia limites, pequenas cidades tinham três, quatro cooperativas atuando no mesmo setor. Resolvemos disciplinar os procedimentos para criar cooperativas viáveis e fortes. Por isso se deliberou que as sedes das cooperativas deveriam se localizar em municípios com expressão econômica mais preponderante, para fortalecer a competitividade dos empreendimentos. Até hoje o projeto de integração segue sendo fundamental.

“ **Antes da Ocepar, o cooperativismo estava desarticulado. As organizações existentes tinham atuação limitada a setores específicos** ”

**Paraná Cooperativo** - A divisão coordenada da área de ação, o PIC, acontecia em paralelo às discussões em torno da constituição de uma nova entidade representativa do cooperativismo?

**Guntolf van Kaick** - Sim, o fórum que trabalhou no modelo da divisão de área também trabalhou na criação de uma nova entidade, num contexto de reestruturação e modernização. Nos anos seguintes, além do PIC, surgiram outros dois projetos de integração: o Norcoop (Projeto Norte de Cooperativismo) e o Sulcoop (Projeto Sul de Cooperativismo). Ao longo do tempo manteve-se a ideia inicial, mas é claro que houve o aperfeiçoamento do mecanismo de divisão, pois os projetos não eram estanques.

**Paraná Cooperativo** - E então ocorreu a histórica assembleia de fundação da Ocepar?

**Guntolf van Kaick** - Em 2 de abril de 1971, um dia de sol em Curitiba, estava tudo pronto para a criação da Ocepar. Mais de 80 pessoas participaram da assembleia, com a presença de representantes de cooperativas e de órgãos governamentais. A reunião ocorreu na Cooperativa Agro-mate – situada na avenida Marechal Floriano 1.368. A Agro-mate era uma central que atuava com erva-mate e tinha um auditório adequado para a assembleia. Eu estava presente representando a cooperativa Cotia.

**Paraná Cooperativo** - E o senhor saiu da assembleia eleito presidente da recém-fundada Ocepar?

**Guntolf van Kaick** - Houve a necessidade da escolha de presidente, diretoria e conselho fiscal. O candidato previamente escolhido para assumir a presidência não compareceu e eu fui eleito por consenso. Foi uma surpresa porque não esperava e não tinha qualquer ambição e pretensão nesse sentido, foi uma questão circunstancial. E então assumimos a responsabilidade de conduzir os desígnios da Ocepar. Não havia nada, começamos da estaca zero. No dia seguinte tivemos outra iniciativa importante, já discutida pelos órgãos governamentais e cooperativas, na qual entrava a figura da Fundação Friedrich Naumann, instituição alemã que se propunha a aplicar recursos para o desenvolvimento principalmente do que se convencionou chamar de autogestão das cooperativas, um processo de revisão e auditorias feitas pelo próprio sistema junto a suas cooperativas com o intuito de ter uma ação preventiva na sua gestão. Naquele dia, 3 de abril, foi fundada a Assocep (Associação de Orientação de Cooperativas do Estado do Paraná), com a presença de representantes da Fundação Naumann, que depois destinou recursos para que fossem realizados os primeiros treinamentos, os trainees para serem gestores das cooperativas e também a contratação dos primeiros auditores desse sistema. A Assocep funcionava junto com a Ocepar, entidades distintas mas que habitavam o mesmo espaço. ▶

**Paraná Cooperativo** - Desde o nascimento a Ocepar preocupou-se com a autogestão do Sistema?

**Guntolf van Kaick** - A autogestão faz parte do DNA da Ocepar, pois a entidade, desde o primeiro momento adotou como filosofia a necessidade de ter essa estrutura de revisão dos procedimentos de gestão, não com o intuito de fiscalizar os atos dos dirigentes, mas sim servir como suporte, apoio técnico e consultivo dos gestores, que normalmente não tinha formação acadêmica. Eram representantes dos associados e agricultores, pessoas de destaque dentro de sua coletividade, mas que não tinham o preparo acadêmico que muitas vezes a função exigia para o bom desempenho da gestão.

Por meio da Assocep e com o apoio da Fundação Naumann implantamos no Paraná um modelo que já havia demonstrado eficiência na Alemanha. O sistema dava segurança e sustentabilidade para as cooperativas germânicas, fato historicamente comprovado nos momentos de crise. Nós introduzimos esse modelo dentro da nossa realidade cooperativista. Quatro décadas depois mantemos o sistema de autogestão das cooperativas funcionando dentro da Ocepar. Esse trabalho com a Fundação Naumann foi o embrião dos modelos posteriores, entre eles o SESCOOP. A parceria com a instituição alemã manteve-se por cerca de seis anos, quando as cooperativas entenderam que já era o momento de caminhar com os próprios pés.

**Paraná Cooperativo** - O programa de autogestão do Paraná foi a base para um projeto nacional posteriormente levado à Assembleia Constituinte, em 1986. No seu entendimento, a experiência paranaense foi decisiva para o fim da tutela do governo sobre o cooperativismo?

**Guntolf van Kaick** - A questão da liberação da tutela do Estado se fez através de várias experiências que aconteceram no Paraná. Em primeiro lugar, a

fundação da Assocep, a caminhada dela, uma entidade paralela à Ocepar e que fazia auditorias e revisões, um modelo inovador para o cooperativismo. Essa experiência foi importante e contribuiu para o fim da tutela do governo, alforria conquistada pelo cooperativismo com a promulgação da Constituição de 1988.

As propostas para a Constituin-



“ **A Ocepar foi nessas quatro décadas uma indutora de inovação na forma de pensar e desenvolver o cooperativismo, baseada nos princípios, na ética e na responsabilidade** ”

te foram amplamente discutidas no 10º Congresso Brasileiro de Cooperativismo, e depois foram levadas pela OCB aos nossos representantes na Câmara de Deputados e no Senado. A experiência do Paraná deu a sustentação para a nossa defesa. O fim da tutela governamental foi uma conquista importante e que trouxe grandes responsabilidades para as cooperativas do país.

**Paraná Cooperativo** - Por ser inovador, o programa de autogestão adotado pela Ocepar enfrentou algum tipo de resistência dentro do sistema cooperativista?

**Guntolf van Kaick** - Foi uma longa caminhada fazer com que a autogestão fosse absorvida pelas lideranças e profissionais do setor. Muitos entenderam rápido a importância dos procedimentos. Outros, no entanto, não entendiam os objetivos do mecanismo. Em alguns casos havia aquele sentimento de orgulho e vaidade, de controle soberano e sem o envolvimento de ninguém. Nesse processo foi preciso estudar com mais profundidade o modelo, com profissionais e dirigentes visitando a Alemanha para trazer novas informações que pudessem consolidar a autogestão no Paraná.

**Paraná Cooperativo** - Desde os primeiros anos de atuação da Ocepar havia a percepção de que era preciso profissionalizar a gestão?

**Guntolf van Kaick** - O aspecto mais fundamental nessa questão foi exatamente demarcar o foco de como a Ocepar deveria funcionar, tínhamos o estatuto, as atribuições e responsabilidades delegadas às organizações estaduais, o que nós deveríamos cumprir, mas não tínhamos estrutura. A Agro-mate inicialmente nos cedeu espaço para que pudessemos funcionar. Depois negociamos com a Acarpa, atual Emater, a cessão por meio período de um técnico que pudesse ajudar a montar uma estrutura mínima. Eu, na qualidade de presidente, mantinha minha atuação como responsável técnico na Cotia e tinha que cumprir a jornada de trabalho. Na Ocepar, era uma jornada de entidade de classe, fora do expediente ou eventualmente durante o expediente, mas não tinha como ter dedicação exclusiva. Percebemos então que a intenção era muito boa, mas a prática era muito complicada. Havia fraquezas, os ingressos das contribuições não ocorriam da forma desejada, apesar de todas as promessas nas assembleias, os recursos não entravam na medida do necessário, não

dava para sustentar a estrutura por mínima que fosse. Chegamos à conclusão de que precisávamos transformar a Ocepar numa entidade profissional de defesa dos interesses das cooperativas e representação do cooperativismo. Não queríamos uma associação de classe, mas sim uma entidade profissional e sustentável que pudesse investir em pessoas qualificadas para cumprir os trabalhos que seriam desenvolvidos.

**Paraná Cooperativo** - Nesse contexto surgiu o fundo de garantia contra granizo?

**Guntolf van Kaick** - Sempre tínhamos frustração de safra de trigo devido ao granizo. Na época, em alguns estados havia um subsídio. Em culturas como o algodão, por exemplo, o estado de São Paulo cobrava uma taxa na venda da semente e destinava este percentual para um fundo de garantia contra granizo. Imaginamos que adotando um modelo semelhante para o trigo poderia dar certo, e propusemos a ideia às cooperativas, que acolheram a proposta. Constituímos então o fundo de garantia contra granizo para o trigo. A adesão das cooperativas gerou também um percentual para cobrir a administração desse fundo, uma receita a mais para a Ocepar. Nos primeiros anos era uma dificuldade grande viabilizar recursos para manter a entidade.

**Paraná Cooperativo** - Qual a importância do trigo para a viabilidade da Ocepar e do cooperativismo do Paraná?

**Guntolf van Kaick** - O trigo foi fundamental nessa fase, pois deu suporte financeiro, mesmo porque as cooperativas não tinham patrimônio quando foram constituídas - as novas sem patrimônio e as mais antigas estavam descapitalizadas. Vigorava naqueles anos o monopólio estatal do trigo, e o Governo Federal deu preferência às cooperativas, que passaram a investir maciçamente em armazéns para o recebimento do cereal. Era um momento de transformação da economia do Paraná, que antes era cafeeira, basicamente o café é que dava sustentabilidade. E nos anos 70 a cultura do café estava decadente, não tinha mais preço, e os cafezais esta-

vam esgotados. Os produtores começaram a substituí-los por outras culturas, principalmente algodão, trigo e soja. O trigo prevalecia nas regiões mais frias no começo, mas foi evoluindo também para regiões quentes por meio de novas variedades. Implantou-se nas cooperativas a dobradinha trigo e soja, com esta última ganhando expressão no mercado internacional. O trigo também estava valorizado, e deu uma contribuição importante para a viabilidade e o crescimento das cooperativas. Implantamos também o seguro de granizo para a soja, com um novo fundo de garantia para a oleaginosa.

**Paraná Cooperativo** - A criação do Departamento de Pesquisa da Ocepar foi outro passo fundamental para o fortalecimento da entidade?

**“ O mundo está se democratizando cada vez mais, com mais liberdade de expressão, devido aos meios de comunicação e à internet que tornam tudo transparente. Nesse contexto, o cooperativismo tem grandes vantagens competitivas ”**

**Guntolf van Kaick** - Deu o impulso financeiro para o desenvolvimento da Ocepar profissionalizada. Passamos a ser os gestores dos recursos do Fundo de Pesquisa do Trigo, arrecadados pela Ctrin (Comissão de Compra do Trigo Nacional). Como gestores, tínhamos uma taxa de administração do Fundo. Foi o grande diferencial no tocante às receitas permitindo o desenvolvimento profissional da Ocepar.

**Paraná Cooperativo** - Em 1974 a Ocepar investiu num moderno centro de pesquisas, atualmente pertencente à Coodetec. Investir em desenvolvimento de tecnologia era algo inovador para a época?

**Guntolf van Kaick** - As cooperativas entenderam que era preciso partir para a pesquisa própria, como fazia o Rio Grande do Sul. E criamos o departamento de pesquisa da Ocepar, no início no Norte do Paraná, numa área cedida pela cooperativa Cotia, em Cambé. Mais tarde, adquirimos uma área de cerca de 100 alqueires em Cascavel e implantamos o centro de pesquisas, ampliando depois com outra área em Palotina. Havia uma resistência por parte dos órgãos públicos em relação à pesquisa das cooperativas, pois entendiam que era uma atribuição deles, e queriam exclusividade. O centro de pesquisa da Ocepar foi um projeto que deu certo. É fantástica hoje a contribuição da Coodetec para o desenvolvimento da pesquisa agrônômica. O investimento da Ocepar foi realizado com uma visão política e estratégica, principalmente para permitir que as cooperativas, como grandes empresas no setor de produção agrícola, pudessem participar das mesas onde as políticas públicas seriam definidas. O know-how tecnológico que desenvolvemos nos autorizou a falar em qualidade e a afirmar nossas reivindicações. Passamos a participar de discussões nacionais, exercendo um papel de liderança.

**Paraná Cooperativo** - Voltando ao tema autogestão, o conhecimento e *expertise* da Ocepar foram determinantes para a criação do Sescoop?

**Guntolf van Kaick** - Na condição de categoria econômica teríamos que ter também uma entidade do Sistema S. Na década de 90 houve a grande crise da agropecuária, decorrente da utilização da agricultura como âncora para sustentar o Plano Real, fazendo com que cooperados e cooperativas contraíssem pesadas dívidas, ampliadas por um reajuste elevadíssimo da TR. Havia cessado também o suporte do Governo Federal para o preço mínimo e financiamentos. Mais tarde, diante de um quadro de quase inviabilidade econômica, o governo por fim concordou em negociar medidas para a recuperação do setor. Foi quando surgiu o Recoop (Programa de Revitalização de Cooperativas de Produção Agropecuária). Em decorrência do Recoop surgiu a questão da autogestão, considerada fundamental para fazer ▶

o acompanhamento das cooperativas que seriam refinanciadas com recursos públicos para recuperar o seu passivo. Mas elas teriam que fazer isso diante de determinadas regras que foram impostas pelo governo: gestão profissional, fidelidade aos associados, participação efetiva dos associados, capitalização das cooperativas, entre outras. Muitas instituições queriam fazer esse acompanhamento, mas a Ocepar conseguiu demonstrar que o processo de monitoramento e autogestão, desenvolvido no Paraná desde os tempos da Assocep, era o modelo mais adequado. O governo concordou em criar o Sescoop, com o objetivo de atuar também na formação e qualificação profissional do setor.

**Paraná Cooperativo** - E em pouco mais de 10 anos, o Sescoop promoveu uma transformação no cooperativismo.

**Guntolf van Kaick** - Sim, uma transformação fantástica. Hoje o cooperativismo é um movimento consolidado e demonstra que as cooperativas são sociedades de pessoas, atuando com competência na gestão de seus produtos e negócios. E a cooperativa faz isso de uma forma muito melhor do que a empresa capitalista é capaz de fazer, porque dá retorno àqueles que geraram essa riqueza, impulsionando o desenvolvimento das regiões onde atuam.

**Paraná Cooperativo** - Quais os diferenciais que explicam a evolução da Ocepar?

**Guntolf van Kaick** - A Ocepar foi indutora de um processo de inovação em todos os campos. Inovação na forma de pensar o cooperativismo, na forma de desenvolvê-lo, um cooperativismo baseado nos princípios e na ética, na responsabilidade, esse foi o grande diferencial. Defensora das cooperativas, propôs ações modernizantes para o setor, como foi o caso da autogestão e do Sescoop, que deram impulso ao processo de qualificação de nossos cooperados, dirigentes e colaborado-

res. Outro diferencial para a Ocepar foi ter um bom programa e trabalhar para desenvolvê-lo com responsabilidade, dedicação, e o comprometimento de todas as partes, cooperados, dirigentes e representantes das cooperativas dentro da entidade, na Assocep e no Sescoop. Existe essa relação de fidelidade, em que a Ocepar sempre soube cumprir o

com que pudesse evoluir constantemente se adequando às novas realidades e dando as respostas desejadas ao setor.

**Paraná Cooperativo** - E quanto ao futuro, quais as perspectivas para o cooperativismo?

**Guntolf van Kaick** - Hoje estamos diante de uma realidade em que o mundo está se democratizando cada vez mais, com mais liberdade de expressão, devido aos meios de comunicação e a internet que tornam tudo transparente. O mundo está ficando mais aberto. Nesse contexto, o cooperativismo tem uma grande vantagem, pois sempre foi uma sociedade de pessoas, voltado para o desenvolvimento econômico do indivíduo, fazendo com que ele tivesse receita para ter condições de se desenvolver socialmente. A cooperativa não tem fins lucrativos, ela repassa todo o retorno (sobras) aos seus cooperados, e a gestão democrática é um dos seus princípios. O que muitas empresas modernas buscam atualmente em relação à gestão corporativa, é aquilo que nós praticamos no dia a dia: a transparência, a participação dos associados na assembleia, prestação de contas, o conselho fiscal e de administração, todo um arcabouço voltado para o atendimento das

pessoas. Qual empresa tem isso? Hoje as empresas estão procurando esse caminho e têm dificuldades. Para o cooperativismo, isso está no seu DNA. A nossa proposta é a melhor a ser abraçada, só não quer abraçá-la quem não quer, quem não se interessa em conhecê-la. Entendo que temos um futuro muito promissor, desde que tenhamos a capacidade de manter a unidade e o comprometimento de todos os elos da cadeia: associado, cooperativa, entidade estadual e nacional. Vamos levar adiante a divulgação de nossos princípios e de nossa cultura. Sinto-me satisfeito de ter participado desse esforço que faz 40 anos, uma jornada bastante expressiva, que não é o resultado do trabalho de um indivíduo, mas de uma ação coletiva. No cooperativismo, todos contribuem, todos ganham.



“ Sinto-me satisfeito de ter participado desse esforço que faz 40 anos, uma jornada muito expressiva que não é o resultado do trabalho de um indivíduo, mas de uma ação coletiva ”

mandato que as cooperativas deram a ela de representante legítima de seus interesses. As cooperativas delegaram e a Ocepar cumpre suas atribuições com afinco, segurança e muita garra. Por isso a entidade conquistou o respeito nacional e internacional. Nada disso ocorre por acaso. Foi uma construção que não teve descontinuidade e ruptura. Isso fez